

BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

O
SEGREDO
DA
BOTICÁRIA

SARAH PENNER



HarperCollins
Narrativa histórica

O
SEGREDO
DA
BOTICÁRIA

SARAH PENNER

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

O segredo da boticária
Título original: The Lost Apothecary
© 2021 by Sarah Penner
© 2021, para esta edição da HarperCollins Ibérica, S.A.
Publicado originalmente por Park Row Books

Tradutor: Fátima Tomás da Silva
Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em
qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a permissão da Harlequin Books, S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são
produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer
semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, factos
ou situações são mera coincidência.

Design da capa: CalderónStudio
Imagens da capa: Shutterstock

1ª edição: Novembro 2021

ISBN: 978-84-9139-674-1

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

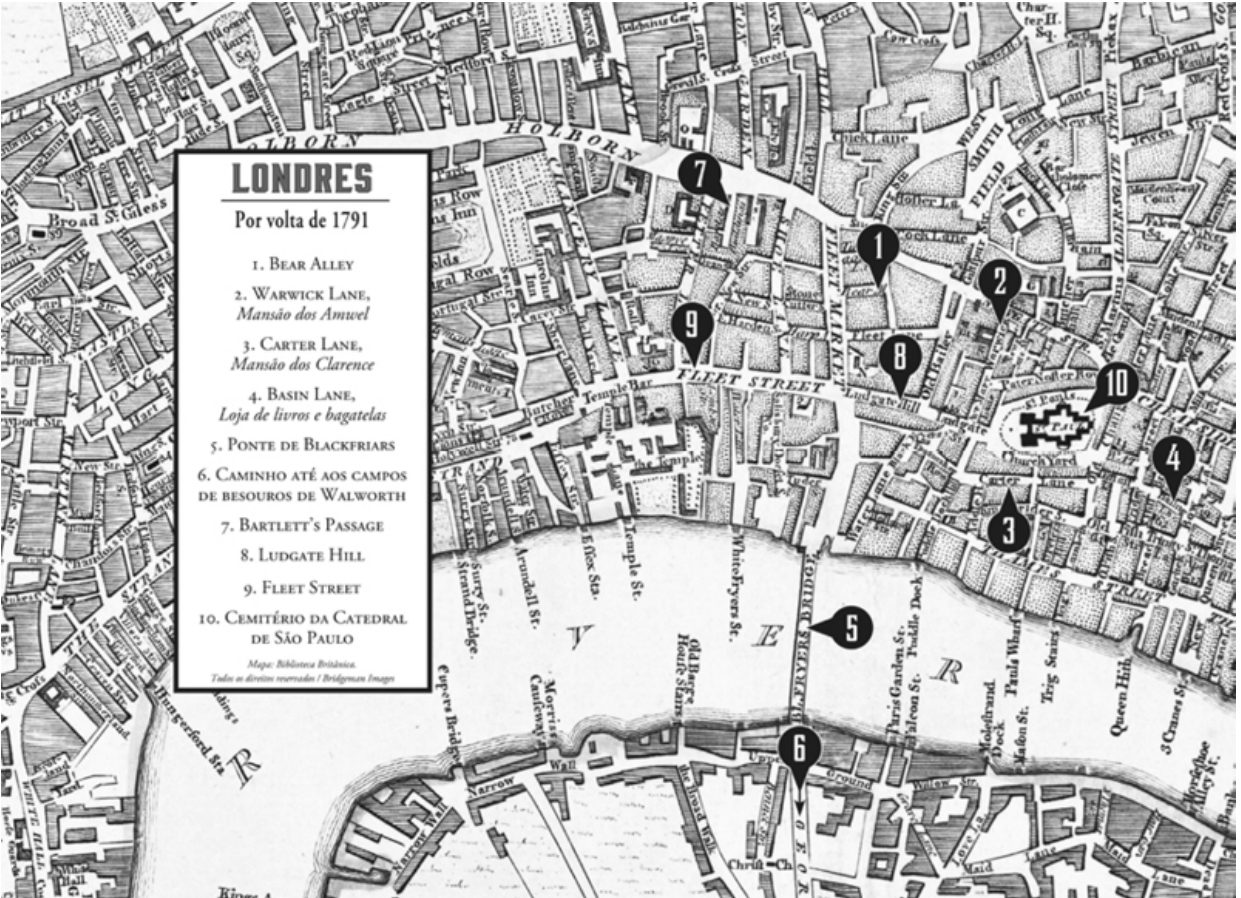
[Nella Clavinger, boticária de venenos](#)

[Nota histórica](#)

[Receitas](#)

[Agradecimentos](#)

Para os meus pais



LONDRES

Por volta de 1791

- 1. BEAR ALLEY
- 2. WARWICK LANE, *Mansão dos Amvel*
- 3. CARTER LANE, *Mansão dos Clarence*
- 4. BASIN LANE, *Loja de livros e bagatelas*
- 5. PONTE DE BLACKFRIARS
- 6. CAMINHO ATÉ AOS CAMPOS DE BESOUROS DE WALWORTH
- 7. BARTLETT'S PASSAGE
- 8. LUDGATE HILL
- 9. FLEET STREET
- 10. CEMITÉRIO DA CATEDRAL DE SÃO PAULO

Mapa: Biblioteca Britânica. Tudo os direitos reservados / Bridgeman Images



«JURO E PROMETO PERANTE DEUS, AUTOR E CRIADOR DE TODAS AS
COISAS [...]

NUNCA ENSINAR A INGRATOS OU LOUCOS OS SEGREDOS E MISTÉRIOS
DO OFÍCIO [...]

NUNCA DIVULGAR OS SEGREDOS QUE ME CONFIARAM [...] NUNCA
ADMINISTRAR VENENOS [...]

RENEGAR E FUGIR COMO DA PESTE DAS PRÁTICAS ESCANDALOSAS
E PERNICIOSAS DE CHARLATÕES, EMPÍRICOS E ALQUIMISTAS [...]

E NÃO CONSERVAR FÁRMACOS NOCIVOS OU EM MAU ESTADO NO MEU
ESTABELECIMENTO.

QUE A BÊNÇÃO DE DEUS CONTINUE COMIGO ENQUANTO CONTINUAR A
OBEDECER A TUDO ISTO!»

ANTIGO JURAMENTO DO BOTICÁRIO



1

NELLA

3 de fevereiro de 1791

Chegou ao amanhecer, a mulher cuja carta tinha nas minhas mãos naquele momento, a mulher cujo nome ainda desconhecia.

Não sabia a sua idade ou onde vivia. Não sabia qual era a classe social nem o conteúdo sombrio dos seus sonhos quando caía a noite. Tanto podia ser uma vítima como uma criminosa. Uma recém-casada ou uma viúva vingativa. Uma preceptora ou uma concubina.

Contudo, apesar de tudo o que desconhecia, compreendi perfeitamente o seguinte: Aquela mulher sabia muito bem quem queria ver morto.

Aproximei o papel rosáceo da chama mortíça de uma vela de sebo com uma única mecha. Com os dedos, percorri a tinta das suas palavras e tentei imaginar que desespero teria levado aquela mulher a recorrer a alguém como eu. Eu não era apenas uma boticária, mas também uma assassina. Uma mestre da camuflagem.

O seu pedido era simples e direto. «Para o marido da minha senhora, com o seu pequeno-almoço. Amanhecer, 4 de fevereiro.» Imediatamente, visualizei uma criada de meia-idade, a obedecer às ordens da sua senhora. E, com um instinto que fui aperfeiçoando ao longo das últimas duas décadas, soube imediatamente o remédio mais

adequado para satisfazer o pedido: Um ovo de galinha misturado com noz-vômica.

A preparação seria uma questão de minutos; o veneno estava ao meu alcance. Porém, por uma razão que ainda desconheço, aquela carta causou-me alguma inquietação. Não era o cheiro subtil a madeira do pergaminho nem o modo como o canto inferior esquerdo aparecia ligeiramente enrolado, como se, em algum momento, as lágrimas o tivessem humedecido. A questão é que, dentro de mim, começou a crescer um desassossego. O conhecimento intuitivo de que algo devia evitar-se.

No entanto, que advertência não escrita poderia conter uma única folha de pergaminho, camuflada por baixo dos traços da pena? Nenhuma, certifiquei-me. A carta não era um mau presságio. As minhas preocupações eram apenas o resultado da fadiga — era realmente tarde — e da dor persistente das minhas articulações.

Concentrei a atenção no caderno com capa de couro de cabra que tinha na mesa, à minha frente. O meu lindo caderno era um registo de notas sobre a vida e a morte, um inventário das muitas mulheres que iam procurar beberagens a este lugar, a botica mais tenebrosa da cidade.

Nas primeiras páginas do meu caderno, os traços de tinta eram suaves, escritos com uma mão ágil, carente de dor e de resistência. Aquelas entradas, descoloridas e gastas, pertenciam à minha mãe. Esta botica, especializada em doenças da mulher e situada no número três de Back Alley, foi dela antes de passar a ser minha.

De vez em quando, lia as suas entradas — «23 de março de 1767, senhora R. Ranford, mil-em-rama, 15 gotas, 3 vezes por dia» — e as palavras ali escritas evocavam-me a sua lembrança: O modo como o cabelo lhe caía sobre as costas quando esmagava o caule da mil-em-rama no almofariz ou a pele tensa e fina como o papel da sua mão quando extraía as sementes da flor. Contudo, a minha mãe não escondera a loja atrás de uma parede falsa nem vertera

os seus remédios em jarros de vinho tinto. Nunca tivera necessidade de se esconder. As beberagens que fazia eram apenas para bons fins: Para acalmar as partes doridas e em carne viva de uma parturiente ou para causar a menstruação de uma esposa estéril. E, conseqüentemente, enchia as páginas do seu caderno com remédios herbáceos de caráter benigno. Que nunca levantariam suspeita.

Nas páginas correspondentes às minhas notas, no entanto, apareciam coisas como urtiga, hissopo e amaranto, sim, mas também remédios mais sinistros: Beladona, veratro e arsénico. Por baixo dos traços de tinta das minhas notas escondiam-se traições, angústia... e segredos sombrios.

Segredos relacionados com aquele jovem vigoroso que sofreu um ataque de coração na véspera do seu casamento ou sobre como um pai recente e rico foi vítima de uma febre repentina. As notas do meu caderno ofereciam todas as respostas: Não houvera corações fracos ou febres, mas sumos de maçã-espinhosa e de beladona misturados em vinhos e bolos por mulheres ardilosas cujos nomes enchiam as minhas páginas agora.

Oh, mas oxalá o meu caderno contasse o meu próprio segredo, a verdade sobre como tudo isto começou. Porque, nas suas páginas, estavam documentadas todas as vítimas, todas, exceto uma: Frederick. As linhas afiadas e pretas do seu nome só manchavam o meu coração melancólico e a minha barriga marcada.

Fechei o caderno com cuidado, visto que não tinha de o usar mais por enquanto, e prestei novamente atenção à carta. O que me deixava tão preocupada? A beira inferior do pergaminho continuava a atrair a minha atenção, como se, por baixo dele, alguma coisa se arrastasse. E quanto mais continuava sentada à mesa, mais me doía o estômago e mais me tremiam as mãos. Ao longe, para além das paredes da loja, as campainhas de uma carruagem tocaram de forma aterradora, emulando as correntes do cinto de um

polícia. Porém, pensei que a polícia não apareceria esta noite, tal como nunca aparecera nas duas últimas décadas. A minha botica, e também os meus venenos, estavam camuflados com inteligência. Ninguém conseguiria encontrar este lugar; estava escondido por trás da parede de um armário, na base de um beco tortuoso de um dos cantos mais escuros de Londres.

Dirigi o olhar para a parede suja de fuligem que nunca tivera a coragem, ou as forças, de limpar. Uma garrafa vazia numa das estantes refletiu a minha imagem. Os olhos, antes verdes e brilhantes como os da minha mãe, continham pouca vida. Tal como as faces, noutros tempos rosadas de energia, que se viam cítricas e afundadas agora. Parecia um fantasma, muito mais velha do que os quarenta e um anos de idade que tinha.

Com suavidade, comecei a esfregar o osso arredondado do meu pulso esquerdo, inflamado e quente como uma pedra que deixara esquecida no fogo. O mal-estar das articulações invadia o meu corpo há anos. Tornara-se tão severo que já não conhecia uma hora sem dor. Cada veneno que vendia levava a uma nova onda de angústia. Havia noites em que tinha os dedos tão inchados e rígidos que tinha a certeza de que a minha pele acabaria por se abrir e por deixar a descoberto o que havia por baixo.

Era a consequência de matar e guardar segredos. Começara a apodrecer de dentro para fora e algo no meu interior tencionava abrir-me ao meio.

Em instantes, o ar tornou-se viciado e o fumo começou a formar redemoinhos junto do teto baixo de pedra do meu esconderijo. A vela estava quase esgotada e as gotas de láudano não demorariam muito a envolver-me no seu calor pesado. A noite caíra há um bom bocado e ela chegaria numa questão de horas, a mulher cujo nome acrescentaria ao meu registo e cujo mistério começaria a revelar, por muito mal-estar que se gerasse no meu interior.

2

CAROLINE

Presente, segunda-feira

Em teoria, não devia estar sozinha em Londres.

As viagens para celebrar um aniversário foram pensadas para dois, não para um, mas, quando saí do hotel e fui recebida pelo resplendor de uma tarde de verão em Londres, o espaço vazio que tinha ao meu lado contrariou-me. Hoje — a data do nosso décimo aniversário de casamento —, James e eu devíamos ter estado juntos, a caminho da London Eye, a roda gigantesca que oferece vistas panorâmicas da cidade e se ergue à beira do Tamisa. Tínhamos reservado um passeio noturno numa cápsula VIP, ocupada apenas por nós e com garrafa de champanhe incluída. Passara semanas a imaginar a cápsula, tenuemente iluminada e a balançar-se por baixo do céu estrelado, as nossas gargalhadas interrompidas apenas pelo tinido das taças e a carícia dos nossos lábios.

Contudo, James estava a um oceano de distância. E eu estava em Londres sozinha, triste, furiosa, com *jet lag* e com uma decisão importante para tomar.

Em vez de me dirigir para o sul, para a London Eye e para o rio, dirigi-me em direção contrária, para a catedral de São Paulo e Ludgate Hill. Concentrei os meus esforços em encontrar um *pub*. Sentia-me como uma turista, com os meus ténis cinzentos e a minha sacola a cruzar-me o peito.

Lá dentro, tinha o meu caderno, com páginas cheias de tinta azul e coraçõezinhos e um resumo detalhado do nosso itinerário de dez dias. Acabara de chegar e não suportava a ideia de ler a nossa agenda para dois e as notas engraçadas que tínhamos escrito um para o outro. *Southwark, passeio pelo jardim dos casais*, escrevera eu, numa das folhas.

Praticar para fazer bebês atrás de uma árvore, escrevera James, ao lado. E eu tencionara vestir um vestido, pelo sim pelo não.

No entanto, já não precisava do caderno e descartara todos os planos ali escritos. Comecei a sentir um ardor na garganta e a chegada das lágrimas e questioneimei-me o que mais acabaria por descartar. O nosso casamento? James era o meu parceiro desde a época da universidade; não conhecia a vida sem ele. Não me conhecia sem ele. Também perderia as esperanças de ter um bebé? Doía-me o estômago e não só por causa da necessidade de comer alguma coisa decente, mas também por causa daquela possibilidade. Desejava ser mãe, beijar uns pezinhos perfeitos e beijar a barriguinha do meu bebé.

Percorrera apenas um quarteirão quando localizei um *pub*, The Old Fleet Tavern. Contudo, mesmo antes de entrar, um tipo de aspeto robusto, armado com uma tabuleta e vestido com umas calças de algodão de cor clara e cheias de manchas, fez-me gestos ao passar ao seu lado. Com um sorriso de orelha a orelha, o homem, que tinha mais de cinquenta anos, perguntou:

— Queres vir connosco remexer na lama, praticar um pouco de *mudlarking*?

«*Mudlarking*? — pensei — Mas o que é que este homem está a dizer?» Forcei um sorriso e abanei a cabeça num gesto de negação.

— Não, obrigada.

Contudo, não se deu por vencido facilmente.

— Leste algum autor da época vitoriana? — inquiriu, embora o som de um autocarro turístico vermelho mal me

deixasse ouvir a sua voz.

E, então, parei. Há dez anos, na universidade, licenciara-me em História Britânica. Acabara o curso com notas mais do que decentes, embora o que mais me interessara sempre fosse o que havia fora dos livros de texto. Os capítulos austeros e previsíveis não me chamavam tanto a atenção como os álbuns com mofo e antiquados armazenados nos arquivos de edifícios velhos ou as imagens digitalizadas de lembranças — cartazes de espetáculos, registos de recenseamento, listas de passageiros — que pudesse encontrar *online*. Podia perder-me durante horas naqueles documentos aparentemente carentes de significado, enquanto os meus colegas de turma se reuniam nos bares para estudar. Não podia atribuir os meus interesses tão pouco convencionais a algo específico; a única coisa que sabia era que os debates que se desenvolviam nas aulas sobre as revoluções civis e os líderes mundiais sedentos de poder me faziam bocejar. Para mim, a atração da história estava nas minúcias da vida de outros tempos, nos segredos não contados das pessoas normais.

— Li alguns, sim — respondi.

Amava os romances clássicos britânicos, naturalmente e, na minha época de estudante, era uma leitora voraz. Às vezes, pensava que teria feito melhor se tivesse escolhido um curso de Literatura, pois parecia mais de acordo com os meus interesses. O que não disse àquele homem foi que passara imensos anos sem ler literatura vitoriana, assim como, de facto, qualquer um dos meus títulos antigos favoritos. Se aquela conversa acabasse num exame surpresa, fracassaria estrepitosamente.

— Todos escreveram sobre os *mudlarkers*[\[1\]](#), essa quantidade infinita de almas que passava o dia a remexer a lama do rio em busca de objetos antigos, de objetos com algum valor. Talvez molhes um pouco os sapatos, mas não há melhor forma de nos perdermos no passado. A maré

sobe, a maré desce e traz sempre consigo alguma novidade. Se gostas de aventura, convido-te a juntar-te ao nosso passeio turístico. A primeira vez é sempre gratuita. Estaremos do outro lado desses edifícios de tijolo que vês aí... — Apontou para o lugar em questão. — Procura as escadas que levam até ao rio. O grupo junta-se às duas e meia, quando a maré baixa.

Sorri-lhe. Apesar do seu aspeto sujo, os seus olhos cor de avelã irradiavam carinho. Atrás dele, o cartaz de madeira que anunciava The Old Fleet Tavern balançava numa dobradiça enferrujada, tentando-me a entrar.

— Obrigada — agradei —, mas tenho outro... outro compromisso.

A verdade era que precisava de uma bebida.

O homem assentiu, lentamente.

— Não faz mal, mas se mudares de ideia, estaremos a explorar até às cinco e meia, mais ou menos.

— Divirtam-se — murmurei, passando a sacola para o outro ombro e imaginando que nunca mais voltaria a encontrar-me com aquele tipo.

Entrei no *pub*, um local escuro e húmido, e instalei-me num banco de couro junto do bar. E, quando me inclinei para a frente para ver que cervejas de barril tinham, encolhi-me de nojo ao sentir que os meus braços tinham acabado de pousar numa superfície molhada: O suor e a cerveja entornada de quem estivera ali sentado antes de mim. Pedi uma *Boddingtons* e esperei, com impaciência, que a espuma creme subisse para a superfície e assentasse. Finalmente, bebi um bom gole, demasiado cansada para prestar atenção à minha dor de cabeça incipiente, ao facto de a cerveja estar morna e de, no lado esquerdo da barriga, ter começado a sentir uma cólica.

«Os vitorianos.» Pensei em Charles Dickens e o nome do autor ecoou nos meus ouvidos como o de um antigo namorado, carinhosamente esquecido; um rapaz interessante, mas não suficientemente prometedora para

fazer planos a longo prazo. Lera muitas das suas obras — *Oliver Twist* era a minha preferida, seguida de perto por *Grandes esperanças* —, mas, de repente, senti um brilho de confusão.

Segundo o homem que me abordara lá fora, todos os vitorianos tinham escrito sobre o *mudlarking*, mas eu nem sequer conhecia o significado da palavra. Se James estivesse ao meu lado, de certeza que se teria rido de mim por causa daquele erro. Brincava sempre, dizendo que a minha passagem pela universidade fora como participar num clube de leitura, a ler contos de fadas góticos até às tantas da noite quando, segundo ele, devia ter dedicado mais esforços a analisar revistas académicas e a desenvolver as minhas próprias teses sobre os distúrbios históricos e políticos. Esse tipo de investigação, dizia, era a única forma de fazer com que um curso de História beneficiasse quem o possuía, pois era o que permitia o acesso ao mundo académico, a um doutoramento e a um lugar como professora.

E, em certo sentido, James tinha razão. Há dez anos, depois de me licenciarem, não demorei muito a perceber que a minha licenciatura em História não oferecia as mesmas perspetivas profissionais que o curso de Economia de James. Enquanto a minha busca infrutífera de trabalho se prolongava, ele conseguiu facilmente um emprego bem pago em Cincinnati numa das quatro grandes empresas do setor financeiro de consultoria e auditoria. Candidatei-me a vários empregos como professora em liceus e universidades da zona, mas, tal como James vaticinara, todos preferiam alguém com mais experiência.

No entanto, eu, impassível, considerei-o como uma oportunidade para aprofundar mais os meus estudos. Com excitação e nervosismo, comecei a candidatura para levar a cabo uma pós-graduação na Universidade de Cambridge, a apenas uma hora de carro de Londres. James mostrou-se teimosamente contra a ideia e depressa soube porquê:

Alguns meses depois da licenciatura, levou-me, um dia, até ao fim de um cais por cima do rio Ohio, ajoelhou-se e, entre lágrimas, pediu-me que me convertesse na sua esposa.

Cambridge podia desaparecer do mapa, no que me dizia respeito... Cambridge, as pós-graduações e todos os romances escritos por Charles Dickens. Porque, desde o instante em que abracei James pela nuca naquele dia no cais e lhe disse, num sussurro, que sim, a minha identidade de aspirante a historiadora desapareceu e foi substituída pela minha identidade de futura esposa. Deitei a candidatura da pós-graduação para o lixo e mergulhei, com alegria, no redemoinho do planeamento do casamento. A minha preocupação passou a ser a fonte tipográfica dos convites e o tom de cor-de-rosa das peónias dos arranjos florais. E, quando o casamento ficou reduzido a uma lembrança faiscante nas margens do rio, concentrei a minha energia na aquisição da nossa primeira casa. Acabámos por nos instalar no «Lugar Perfeito»: Uma vivenda de três quartos e duas casas de banho, situada na rotunda final de uma rua sem saída, num bairro de famílias jovens.

A rotina da vida de casada instaurou-se sem grandes problemas, uma vida tão reta e previsível como as fileiras de cornisos que ladeavam as ruas do nosso novo bairro. E enquanto James começava a assentar no primeiro degrau da escada corporativa, os meus pais — que possuíam terras de cultivo a leste de Cincinnati — fizeram-me uma oferta tentadora: Um emprego remunerado na quinta familiar e que consistia em gerir a contabilidade básica e em fazer tarefas administrativas. Seria um trabalho estável e seguro. Sem perguntas.

Pensei na minha decisão durante uns dias e recordei apenas brevemente as caixas que ainda continuavam na cave e que guardavam as muitas dúzias de livros que adorava quando era estudante. *A abadia de Northanger*. *Rebecca*. *Mrs. Dalloway*. Para que me tinham servido?

James tinha razão: Enterrar-me em documentos antigos e histórias sobre mansões assombradas não resultara numa única oferta de emprego. Antes pelo contrário, custara-me dezenas de milhares de dólares em empréstimos estudantis. Comecei a albergar ressentimento pelos livros fechados naquelas caixas e cheguei à conclusão de que ir estudar para Cambridge fora a ideia descabida de uma recém-licenciada impaciente e desempregada.

Além disso, com o emprego seguro de James, o mais correto — o mais maduro — era ficar em Cincinnati com o meu marido flamejante e o nosso novo lar.

Para grande satisfação de James, aceitei o emprego na quinta familiar. E Brontë, Dickens e tudo o resto que adorara durante tantos anos, ficaram nas caixas, escondidos num canto da cave, sem abrir, até acabar por cair finalmente no esquecimento.

No *pub* escuro, bebi outro bom gole da cerveja. Era uma surpresa que James tivesse acedido a viajar para Londres. Quando estivemos a falar sobre os destinos onde podíamos celebrar o nosso aniversário, deixou a sua preferência clara: Um complexo turístico à beira do mar nas Ilhas Virgens, onde pudesse desperdiçar os dias a dormir ao lado de um copo de coquetel vazio. No entanto, no Natal, já tínhamos desfrutado de uma versão daquelas férias encharcadas em *daiquiri*, de modo que supliquei a James que pensássemos em algo um pouco diferente, como a Inglaterra ou a Irlanda. Com a condição de que não perdêssemos tempo com coisas excessivamente académicas, como aquela oficina de restauração de livros que mencionara uma vez, acedeu finalmente a viajar para Londres. Cedeu, disse, porque sabia que visitar a Inglaterra sempre fora um dos meus sonhos.

Um sonho que, há apenas alguns dias, James destruía como quem brinda com champanhe e a taça acaba por se partir em mil pedaços entre os seus dedos.

O empregado apontou para o meu copo de cerveja quase vazio, mas respondi abanando com a cabeça. Bastava-me uma. Inquieta, peguei no telemóvel e abri o Facebook Messenger. Rose, a minha melhor amiga de sempre, tinha-me enviado uma mensagem.

Está tudo bem? Adoro-te.

E depois:

Mando-te uma fotografia da pequena Ainsley. Ela também te adora.

E ali estava, Ainsley, a recém-nascida, embrulhada em linho cinzento. Uma recém-nascida perfeita, de três quilos e duzentos gramas de peso, a minha afilhada, a dormir tranquilamente nos braços da minha querida amiga. Agradecia que tivesse nascido antes de eu descobrir o segredo de James porque, desse modo, pudera desfrutar de muitos momentos doces e agradáveis com a bebé. Apesar da tristeza que me embargava, sorri. Porque, embora tivesse perdido tudo, continuava a tê-las.

Se as redes sociais serviam como demonstração de alguma coisa, James e eu éramos os únicos do nosso círculo de amizade que ainda não empurravam carrinhos ou davam beijos a faces sujas de macarrão com queijo. E apesar de a espera ter sido difícil, fora a escolha acertada: A empresa onde James trabalhava esperava que os empregados do seu nível saíssem para beber e para jantar com os clientes e que trabalhassem oitenta e muitas horas por semana. E embora eu desejasse um casamento com filhos, James não queria enfrentar o *stress* de ter de lidar com tantas horas de trabalho e uma família jovem. E fora assim que fora promovido dia após dia na escada corporativa desde há praticamente uma década e que eu, também diariamente, levava à boca uma pílula cor-de-rosa e pensara: «Algum dia.»

Olhei para a data que o telemóvel indicava: 2 de junho. Tinham passado quase quatro meses desde que James fora posto no patamar adequado para chegar a ser sócio da

empresa, o que significava deixar para trás os dias compridos no escritório com os clientes.

Quatro meses desde que decidimos tentar ter um bebé.

Quatro meses desde que chegou o meu «algum dia».

Contudo, ainda não havia bebé.

Mordisquei o polegar e fechei os olhos. Pela primeira vez em quatro meses, alegrava-me por não ter ficado grávida. Há apenas alguns dias, o nosso casamento começara a desintegrar-se sob o peso esmagador da minha descoberta: A nossa relação já não era apenas de duas pessoas. Outra mulher pusera-se entre nós. Que bebé merecia um panorama como aquele? Nenhum, nem o meu bebé nem o de ninguém.

Mas havia um problema: Ontem, devia ter chegado o período e, por enquanto, nada de nada. Esperava, com todas as minhas forças, que fosse tudo culpa do *jet lag* e do *stress*.

Dei uma última olhadela à filha da minha melhor amiga e não senti inveja, mas mal-estar em relação ao futuro. Teria adorado que o meu bebé fosse o melhor amigo ou amiga de Ainsley, que tivessem uma ligação tão especial como a que eu tinha com Rose. No entanto, depois de descobrir o segredo de James, não sabia se o casamento continuava a ser uma opção e muito menos ser mãe.

Pela primeira vez em dez anos, estava a pensar que talvez tivesse cometido um erro naquele cais, quando disse que sim a James. E se tivesse dito que não ou que ainda não? Duvidava muito que continuasse a viver em Ohio, delapidando os meus dias num emprego de que não gostava enquanto o meu casamento oscilava perigosamente à beira de uma falésia. Estaria a viver em Londres, a dar aulas ou a dedicar-me à investigação? Talvez tivesse a cabeça cheia de contos de fadas, como James costumava dizer na brincadeira, mas não seria melhor do que o pesadelo em que estava imersa agora?

Sempre valorizara muito o pragmatismo e o caráter calculista do meu marido. Ao longo do nosso casamento, considerara-o o método que James usava para me manter com os pés no chão, a salvo. Sempre que me aventurava com alguma ideia espontânea — algo que saísse dos limites dos objetivos e desejos que ele predeterminara —, devolvia-me rapidamente à terra com a sua descrição detalhada dos riscos e do lado negativo. Aquela racionalidade era, ao fim e ao cabo, o que o impulsionava no seu trabalho. No entanto, agora, a um mundo de distância de James, interroguei-me pela primeira vez se os sonhos que perseguira no passado não teriam sido, para ele, pouco mais do que um problema contabilístico. Se se preocupava mais com o retorno do investimento e a gestão de riscos do que com a minha felicidade. E o que sempre considerara sensatez em James parecia-me, pela primeira vez, outra coisa: Algo asfixiante e subtilmente manipulador.

Remexi-me no banco, despeguei as minhas coxas peganhentas do couro e desliguei o telemóvel. Pensar em casa e no que poderia ter sido não me faria nenhum bem em Londres.

Por sorte, os poucos clientes que havia naquele momento no The Old Fleet Tavern não achavam estranho que uma mulher de trinta e quatro anos estivesse sozinha no bar. Agradei aquela falta de atenção e reparei que a *Boddingtons* começara a abrir caminho através do meu corpo dorido e cansado. Agarrei o copo de cerveja com ambas as mãos e o anel que tinha na mão esquerda pressionou o vidro com desconforto. Acabei o copo.

Saí do local e, enquanto pensava em onde ir — uma sesta no hotel parecia-me mais do que merecida —, aproximei-me do lugar onde o homem com as calças manchadas me parara antes para me convidar para ir... como dissera que se chamava aquilo? *Mudlurking*? Não, *mudlarking*. Mencionara que o grupo se reunia ali à frente, na base da escada que levava até ao rio, às duas e meia. Peguei no

telemóvel e vi as horas: Eram 14h35. Sentindo-me rejuvenescida de repente, acelerei o passo. Era o tipo de aventura que teria adorado há dez anos, seguir as indicações de um britânico amável e maduro disposto a ensinar-me segredos sobre os vitorianos e os *mudlarkers* do Tamisa. Não tinha a menor dúvida de que James se teria oposto àquela aventura espontânea, mas, agora, não estava ao meu lado para me impedir.

Sozinha, podia fazer o que realmente quisesse.

A caminho, passei à frente do La Grande — a nossa estadia naquele hotel estiloso fora um presente de aniversário dos meus pais —, mas nem sequer olhei duas vezes. Dirigi-me para o rio e encontrei, com facilidade, os degraus de betão que desciam até à água. A corrente lamacenta e opaca da parte mais profunda do canal remexia-se como se alguma coisa se agitasse por baixo da superfície. Segui em frente, rodeada por transeuntes que, certamente, se dirigiam para eventos mais previsíveis.

A escada era mais íngreme e estava em piores condições do que seria de esperar no centro de uma cidade tão modernizada. Os degraus tinham praticamente meio metro de altura e eram feitos de pedra triturada, uma espécie de betão antigo. Desci devagar e agradei por ir calçada com ténis e usar uma sacola, que não me limitava os movimentos. Ao chegar ao fundo da escada, detive-me e apercebi-me do silêncio que me envolvia. Do outro lado do rio, na margem sul, os carros e os pedestres andavam de um lado para o outro, mas, àquela distância, não se ouvia nada. A única coisa que se ouvia era o chapinhar suave das ondas contra a margem, o som, semelhante ao de um carrilhão, dos seixos a formar redemoinhos na água e o grasnido solitário de uma gaivota.

O grupo de turistas exploradores da lama estava a escassa distância, a ouvir, com atenção, o guia, o homem com quem me encontrara antes na rua. Ganhei coragem e encaminhei-me para lá, evitando com cuidado os

paralelepípedos e as poças de lama. E, enquanto me aproximava do grupo, obriguei-me a deixar para trás qualquer pensamento relacionado com a minha casa: James, o segredo que descobrira, o nosso desejo não cumprido de ter um filho. Precisava de fazer uma pausa e de esquecer a dor que me asfixiava, aquelas punhaladas de raiva tão penetrantes e inesperadas que me cortavam a respiração. Independentemente de como decidisse passar os dez dias seguintes, recordar e reviver o que descobrira sobre James há apenas quarenta e oito horas não serviria de nada.

Em Londres, na viagem de «celebração» do meu aniversário de casamento, precisava de descobrir o que queria realmente e se a vida que desejava viver continuava a incluir James e os filhos que tencionávamos criar juntos.

E, para conseguir esse objetivo, precisava de desenterrar algumas verdades sobre a minha própria pessoa.

[1] Um *mudlark* é alguém que vasculha a lama do rio em busca de coisas de valor. Termo usado especialmente para descrever aqueles que vasculham dessa forma em Londres durante o final dos séculos XVIII e XIX. (*N. da T.*)

3

NELLA

4 de fevereiro de 1791

Quando o número 3 de Back Alley era uma botica respeitável para mulheres e propriedade da minha mãe, ocupava uma única divisão. Iluminada com a chama de velas inumeráveis e, com frequência, cheia de clientes e dos seus bebês, o pequeno estabelecimento transmitia uma sensação de carinho e segurança. Naquela época, era como se todos em Londres conhecessem a loja especializada em doenças da mulher e a porta pesada de carvalho, que dava acesso ao local, raramente permanecia fechada por muito tempo.

Contudo, há já muitos anos — depois do falecimento da minha mãe, depois da traição de Frederick e depois de eu começar a distribuir venenos às mulheres de Londres —, tornou-se necessário dividir o espaço em duas secções diferentes e separadas. O que se conseguiu facilmente graças à instalação de uma parede de estantes que dividia o local em dois.

A primeira divisão, situada na parte da frente, era acessível diretamente desde Back Alley. Qualquer um podia abrir a porta, que quase nunca estava fechada à chave, embora a maioria imaginasse, ao entrar, que chegara ao lugar errado. Naquela divisão, havia apenas um barril velho para conservar cereais e quem podia interessar-se por um

pote de cevada perolada meio podre? Às vezes, com um pouco de sorte, formava-se um ninho de ratos num canto da divisão, o que contribuía para outorgar ao lugar a impressão de falta de uso e abandono. Aquela divisão era a minha primeira camuflagem.

De facto, muitas antigas clientes tinham deixado de vir. Souberam do falecimento da minha mãe e, ao ver o espaço da entrada deserto, tinham assumido que a loja fechara.

Porém, o local vazio não dissuadia os mais curiosos ou as pessoas de má índole, como rapazes de mãos leves. Com a intenção de encher os bolsos, entravam no local e inspecionavam as estantes em busca de utensílios ou livros. No entanto, não encontravam nada, porque eu não deixara lá nada para roubar, nada de interesse. E, por isso, deixaram de se interessar. Deixaram de se interessar de uma vez por todas.

Que parvos... Todos, exceto as mulheres a quem as amigas, as irmãs e as mães tinham contado onde tinham de se dirigir. Só elas sabiam que o barril de cevada perolada desempenhava uma função muito importante: Era um meio de comunicação, um esconderijo para cartas cujo conteúdo ninguém se atrevia a ler em voz alta. Só elas sabiam que, escondida entre a parede de estantes, invisível, havia uma porta que dava acesso à minha botica para doenças da mulher. Só elas sabiam que eu esperava em silêncio atrás daquela parede, com os dedos sujos com os resíduos dos meus venenos.

E ali, ao amanhecer, estava à espera da mulher naquele momento, a minha nova cliente.

Quando ouvi o rangido leve da porta do armazém, soube que chegara. Observei através da fresta quase impercetível que se abria entre a coluna de estantes, ansiosa por obter a minha primeira visão ténue dela.

Surpreendida, tapei a boca com a mão trémula. Teria havido algum erro? Não era uma mulher, era simplesmente uma menina que não teria mais do que doze ou treze anos. Usava um vestido de lã cinzento e um casaco puído azul-marinho por cima dos ombros. Ter-se-ia enganado no lugar? Talvez fosse uma daquelas ladras que não se deixava enganar pelo meu armazém e andava à procura de alguma coisa para roubar. Se fosse o caso, faria melhor em procurar na padaria e comer alguns bolos de cereja para engordar um pouco.

No entanto, a menina, apesar da sua juventude, chegara exatamente ao amanhecer. Ficou quieta no armazém, segura de si própria e com o olhar fixo na parede falsa de estantes atrás da qual me encontrava.

Não, não era uma visitante accidental.

Decidi imediatamente despachá-la com a desculpa da sua idade, mas contive-me. No bilhete, dizia que precisava de alguma coisa para o marido da sua senhora. O que seria do meu legado se a senhora em questão fosse conhecida na cidade e comesse a espalhar-se o rumor de que mandara uma menina embora? Além disso, reparei, enquanto continuava a observá-la através da fresta, que a menina mantinha a cabeça muito erguida. Tinha um cabelo preto e abundante e os olhos redondos e brilhantes, mas não olhava para os pés nem para trás, para a porta que dava para o beco. Tremia ligeiramente, mas diria que era mais por causa do frio do ambiente do que por nervosismo. A menina estava demasiado erguida, com um semblante demasiado orgulhoso, para chegar à conclusão de que tinha medo.

De onde tiraria aquela coragem? Das ordens rígidas da sua senhora ou teria uma origem mais sinistra?

Retirei o fecho de segurança, puxei a coluna de estantes para dentro e, com um gesto, indiquei à menina que se aproximasse. Os seus olhos assimilaram o espaço minúsculo num instante, sem necessidade de pestanejar. A

sala era tão pequena que, se a menina e eu esticássemos os braços, quase conseguiríamos tocar nas paredes opostas.

Segui o seu olhar, que percorreu as estantes da parede de trás, cheias de frascos de vidro, funis pequenos, potes e pedras de amolar. Numa segunda parede, o mais afastada possível do fogo, o armário de madeira de carvalho da minha mãe continha um amplo sortido de recipientes de barro cozido e porcelana destinados às beberagens e às ervas que se deterioravam e se decompunham com a luz, por muito pouca que fosse. Na parede mais próxima da porta, tinha um balcão comprido e estreito instalado, que chegaria à altura dos ombros da menina, onde descansava uma coleção de balanças de metal, pesos de vidro e de pedra e alguns manuais sobre doenças da mulher. E se a menina quisesse bisbilhotar nas gavetas de baixo do balcão, encontraria colheres, rolhas de cortiça, velas, bandejas de estanho e dúzias de folhas de pergaminho, muitas delas estragadas com notas e cálculos apressados.

Enquanto passava ao seu lado com cautela para ir fechar novamente a porta, a minha preocupação mais imediata concentrou-se em proporcionar à minha nova cliente uma sensação de segurança e discrição. Porém, os meus medos eram injustificados, visto que a menina se deixou cair numa das duas cadeiras, como se tivesse estado na loja uma centena de vezes. À luz da vela, pude observá-la melhor. Era magra e tinha os olhos claros, cor de avelã, quase demasiado grandes para o seu rosto ovalado. Entrelaçou os dedos, então, pôs as mãos por cima da mesa, olhou para mim e sorriu.

— Olá.

— Olá — cumprimentei, surpreendida com as suas maneiras.

Imediatamente, senti-me como uma tola por ter intuído algum tipo de fatalidade na carta rosácea escrita por aquela menina. Questionei-me pela sua bela caligrafia a tão tenra idade. E, à medida que a minha preocupação

diminuía, foi aumentando um sentimento relaxado de curiosidade. Desejava saber mais coisas sobre a menina.

Virei-me para a lareira, que ocupava um canto da sala. A panela de água que pusera ao lume há pouco tempo cuspiá entranhas de vapor.

— Preparei umas ervas — disse à menina.

Enchi duas chávenas com a infusão e depositei uma à frente dela.

Agradeceu-me e puxou a chávena. O seu olhar pousou na mesa, onde descansavam as chávenas, uma vela acesa, o meu caderno com o registo de encargos e a carta que a minha cliente deixara no barril de cevada perolada: *Para o marido da minha senhora, com o seu pequeno-almoço. Amanhecer, 4 de fevereiro.* As faces da menina, rosadas desde que chegara, continuavam coradas pela juventude, pela vida.

— Que tipo de ervas?

— Valeriana — respondi —, amadurecida com casca de canela. Uns golinhos para aquecer o corpo e mais alguns para esclarecer e relaxar a mente.

Ficámos sem dizer nada durante um minuto, mas não foi um silêncio incómodo, como pode acontecer entre adultos. Imaginei que a menina se sentia agradecida, mais do que qualquer outra coisa, por poder afastar-se do frio por um instante. Concedi-lhe alguns segundos para aquecer, aproximei-me do balcão e decidi ocupar-me com um punhado de pedras pretas de tamanho pequeno. Tinha de lhes dar forma com a pedra de amolar, depois disso transformar-se-iam em rolhas perfeitas para os meus frascos. Agarrei na primeira pedra e, pressionando-a com a palma da mão, fi-la rodar, virei-a e fi-la rodar novamente. Não aguentei mais de dez ou quinze segundos antes de me ver obrigada a parar para respirar.

Há apenas um ano, estava muito mais forte e o meu vigor era tal que conseguia rodar e polir aquelas pedras numa questão de minutos e quase sem me esforçar. No entanto,